A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM MÚSICAS FEMININAS DE SERTANEJO UNIVERSITÁRIO: PODEMOS FALAR DE ESTEREÓTIPOS MACHISTAS?

[1]Ana Letícia Stori Mendes; [2]Dayane Priscila Paulis; [1]Rafael Egidio Leal e Silva

[1] Instituto Federal do Paraná – IFPR, Campus Umuarama; Umuarama-PR. [2] Universidade Estadual de Maringá - UEM, Campus Umuarama, Umuarama-PR. E-mail: rafael.silva@ifpr.edu.br

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo investigar como a cultura do machismo se materializa na sociedade atual por meio das manifestações da cultura de massa como a música do estilo sertanejo-universitário, especialmente as músicas de caráter feminino, cantado e composto por mulheres. Foram utilizadas três músicas atuais reproduzidas por mulheres de diferentes autorias, sendo elas: “Amante não tem lar” de Marília Mendonça, “A culpa é dele”, também de autoria de Marília Mendonça e por fim “Quem ensinou fui eu”, de Maiara e Maraisa. Sendo ainda verificado que a cultura do machismo e da objetificação feminina ainda está presente em nossa sociedade sendo apresentadas nas músicas analisadas a seguir.

Palavras-chave: Machismo, Músicas, Sertanejo, Mulheres.

THE REPRESENTATION OF THE WOMAN IN FEMININE SONGS OF UNIVERSITY SERTANEJO: WE CAN SPEAK OF MACHO STEREOTYPES?

ABSTRACT

This work aims to investigate how the culture of machismo materializes in the current society through the manifestations of mass culture as the music of the sertanejo-university style, especially the songs of feminine character, sung and composed by women. Three current songs were reproduced by women of different authors, being: " Amante não tem lar " by Marília Mendonça, " A culpa é dele ", also by Marília Mendonça and finally " Quem ensinou fui eu " by Maiara and Maraisa. It is still verified that the culture of machismo and female objectification is still present in our society and are presented in the songs analyzed below.

Keywords: Machismo, Music, Country, Women.

INTRODUÇÃO

O modo de constituição familiar trazida de séculos atrás, culmina até os dias de hoje em uma cultura patriarcal que se reproduz por meio da propagação social de estereótipos machistas das mais diversas formas, desde a educação familiar e até a cultura de massa. Colocando o homem como símbolo central de poder e autoridade o que por longos períodos caracterizou o papel da mulher como submissa, tornando a violência (tanto física como simbólica) contra a mulher um fenômeno histórico e cotidiano, interferindo diretamente no modo como a própria mulher olha para si ou para outras mulheres.

Este trabalho tem por objetivo investigar como a cultura do machismo se materializa na sociedade atual na forma das manifestações da cultura de massa como a música do estilo sertanejo-universitário, especialmente as músicas de caráter feminino, cantado e composto por mulheres. Nossa finalidade é questionar se há a presença da cultura machista que ainda existe em nosso cotidiano, em músicas que pretensamente representariam a visão da mulher sobre o fenômeno do machismo, ou ainda seriam “respostas” à tal cultura já constituinte do universo sertanejo brasileiro. Tal subgênero musical é chamado de “Feminejo”, saudado inclusive como uma pretensa forma de “empoderamento” feminino (TORRES, 2017) diante da situação do sertanejo universitário dominado pela cultura do estupro e do machismo (COSTA, 2018), além de verificarmos como é a

relação que vem se construindo entre as mulheres, qual a visão que "criam" de si mesmas e das outras mulheres.

Justificamos este texto pela atualidade de sua discussão, por se inserir nas questões de gênero de nossos tempos, onde questionamos o papel que a mulher assume nas letras de tais músicas, que são acessadas e ouvidas por milhares de pessoas nas redes sociais da rede da internet. Procuramos também contribuir com as discussões acadêmicas acerca do gênero e da mulher na atual sociedade brasileira. Neste sentido, apontamos que este texto se insere nas discussões do projeto de pesquisa "A opressão de gênero na política e na história: dos fundamentos filosóficos às instituições brasileiras" em vigência no campus Umuarama do Instituto Federal do Paraná, onde discute-se o papel da mulher em seu sentido histórico e social, com enfoque na sociedade brasileira da atualidade.

Dentre todos os inúmeros aspectos pelo qual podemos compreender a mulher na sociedade brasileira, consideramos que a arte é um dos aspectos mais relevantes, por sintetizar formas de visão comumente atribuídas às mulheres, especialmente em relação aos homens. Neste estudo, foram utilizadas três músicas atuais reproduzidas por mulheres de diferentes autorias, sendo elas: "Amante não tem lar" de Marília Mendonça, "A culpa é dele", também de autoria de Marília Mendonça e por fim "Quem ensinou fui eu", de Maiara e Maraisa.

METODOLOGIA

Partimos da percepção que as músicas que integram o gênero conhecido por "sertanejo universitário" que podemos considerar como a forma de música recreativa para uma boa parte de jovens ouvintes do estilo "sertanejo" é constituída por músicas tanto românticas, mas que também de inspiração de festas e baladas, onde os cantores masculinos frisam que a mulher está à disposição do homem para a diversão e o sexo fácil, integrando inclusive a cultura do estupro, conforme aponta Rodrigues (2016).

A partir desta constatação, buscamos questionar a forma que a mulher é tratada quando a música é cantada por cantoras, uma vez que uma parte do mercado deste gênero é ocupado também pelo espaço feminino, com cantoras e duplas – femininas – como Marília Mendonça, Maiara e Maraisa, Simone e Simaria, Naiara Azevedo que conforme Torres (2017), configurariam o que já se poderia nomear de "Feminejo", como se tais cantoras já pudessem formar um gênero autônomo dentro do conjunto "sertanejo universitário".

Para atendermos ao problema levantado, buscamos no sítio Vagalume que tradicionalmente e de forma popular na rede da *web* brasileira informa as letras das músicas mais populares, inclusive com categorização de músicas e artistas, realizados a partir de acessos e pedidos dos usuários.

Se buscarmos a classificação de artistas brasileiros[1] neste sítio, podemos observar que a cantora Marília Mendonça ocupa a sexta posição de maiores acessos, o que demonstra a força deste gênero, e desta cantora em particular. Dentro do sertanejo universitário, a dupla Maiara e Maraisa está na melhor colocação após esta, em sexagésimo sétimo lugar. De todas as músicas que estas artistas possuem em seu repertório, trataremos neste texto de letras que possam caracterizar de modo sintético a forma que a mulher assume.

Da artista Marília Mendonça, escolhemos a música "A culpa é dele", que foi composta e interpretada por ela, cuja versão com participação de Maiara e Maraisa no sítio de vídeos YouTube[2] já teve cerca de 185 milhões de visualizações. A música "Amante não tem lar" também é exemplar para nossas finalidades, também interpretada e composta por Marília Mendonça, e possui cerca de 313 milhões de visualizações[3] neste mesmo sítio de compartilhamentos. A música "Quem ensinou fui eu", interpretada pela dupla feminina, tem mais de 65 milhões de acessos neste sítio[4]. Assim, acreditamos que tais músicas trazem em si uma síntese tanto da forma que o artista percebe a realidade, como a recepção que público tem com a obra, de forma massiva.

RESULTADOS

Desta forma, a partir da seleção de músicas previamente feitas, temos os seguintes trechos que serão posteriormente discutidos, conforme abaixo. Na música "Quem ensinou fui eu" de Maiara e Maraisa, podemos perceber, no trecho abaixo, que a protagonista desdenha de

[1] Disponível na página https://www.vagalume.com.br/top100/artistas/nacional/
[2] Esta música está disponibilizada no link https://www.youtube.com/watch?v=0fHKqwhdNJ8.
[3] Esta música está disponibilizada no link https://www.youtube.com/watch?v=OT7PpQEz7rc.
[4] Esta música está disponibilizada no link https://www.youtube.com/watch?v=8WLyVg2cGNk.

outra mulher, que estaria em relacionamento com o ex-namorado, embora ela indique que ainda tenham algum tipo de relacionamento:

> Tá tirando onda aí com o meu ex namoradinho
> Passando na boca que era minha
> Coitada já caiu na conversinha
>
> Mas eu não dou um mês
> Parece até replay
>
> A gente larga ele arruma uma trouxa pra passar ciúme
> Em mim outra vez não dou um mês
> Parece até replay
> tá achando que é 0km mas eu já rodei

O segundo trecho que achamos relevante se refere à música "A culpa é dele" de Marília Mendonça:

> O cara que eu tava deu em cima de você, foi?
> E aí você ficou com ele, mas foi uma vez ok
> Do que cê tá com medo de estragar a amizade
> Nem fica preocupada, a gente resolve mais tarde
>
> Se quem tava comigo era ele, a culpa dele
> Quem fez essa bagunça na nossa amizade é ele
> Eu não vou deixar de ser sua amiga por causa de um qualquer
> Que não respeita uma mulher

Aqui percebemos uma situação diversa da música passada: trata-se de uma espécie de consolo de uma amiga para outra, as quais teriam ficado com o mesmo rapaz, sendo que a fala da protagonista é justamente a de que a amizade deve prevalecer.

O terceiro trecho vem da música "Amante não tem lar" também de Marília Mendonça, na qual apresenta uma mulher que se submete a uma relação como amante de um homem comprometido. A personagem da música, a amante, se dirige à provável esposa de seu amante:

> Você vai me odiar
> Mas eu vim te contar
> Que faz um tempo
> Eu me meti no meio do seu lar
>
> Sua família é tão bonita
> Eu nunca tive isso na vida
> E se eu continuar assim
> Eu sei que não vou ter
>
> Ele te ama de verdade
> E a culpa foi minha
> Minha responsabilidade eu vou resolver
> Não quero atrapalhar você
>
> E o preço que eu pago
> É nunca ser amada de verdade
> Ninguém me respeita nessa cidade
> Amante não tem lar
> Amante nunca vai casar

Neste trecho temos a protagonista suplicando o perdão da suposta esposa de seu amante. Vemos, portanto, três músicas onde a fala da letra é de uma mulher para outra, mas sempre com um assunto central, que é o homem, e em três situações diferentes, a que passamos a tecer singelas considerações no ponto a seguir.

DISCUSSÃO

Neste estudo, entendemos por "machismo" uma ideologia decorrente do patriarcado, sistema segundo o qual a constituição da sociedade de classes determinou aos homens possuem o "Poder" do lar, enquanto a mulher possui as tarefas do lar (HARAWAY, 2004), e que acontece uma supervalorização das características do homem em detrimento da mulher, que deve submeter-se ao seu oposto. A cultura patriarcal está inserida na sociedade e possui origens seculares e está entranhada na sociedade, como diz Rodrigues (2016), ao nos remeter às origens bíblicas onde a mulher, que teria despertado a virilidade, "provocando-o com as 'tentações da carne', seria originalmente pecadora. Essa ideia se constitui como um forte elemento presente na cultura do estupro, onde a mulher desperta os instintos masculinos" (p. 41). O termo "cultura" revela aqui uma estrutura de comportamento social, que implica não apenas na relação dos homens em relação às mulheres, mas da forma que a mulher é formada, seja pela

família, pela educação, seja pelas manifestações de arte e cultura de massa. Discutimos aqui como a mulher é representada na música cantada de uma mulher para outra.

Como aparece na música "Quem ensinou fui eu" de Maiara e Maraisa, é perfeitamente visível que a personagem da música ridiculariza a mulher que está com seu ex-namorado, inicialmente ela se apropria do corpo do homem esnobando a outra como se ela tivesse com algo que é seu, diz que a relação entre os dois é passageira, pois o homem está brincando com a mulher para fazer ciúmes para ela, essa apropriação da figura masculina e a "disputa" por ele reforça ainda mais a valorização da figura masculina em detrimento da mulher, fazendo com que a figura do macho seja supervalorizada, tendo em vista que na música o homem "joga" com as duas mulheres, pois quando ele cansa e larga de uma e volta para a outra em um ciclo vicioso.

Sabe-se que com a propagação do feminismo no mundo, as mulheres começaram a se incomodar da forma que eram representadas socialmente, além de lutarem e reivindicarem direitos iguais, sendo que isso apresentou também consequências na arte, sendo assim criado recentemente o termo "feminejo". Podemos perceber também que com a emancipação feminina a partir das necessidades do mercado de trabalho, do nível educacional (ainda precário) e da maior participação na cidadania política, com a edição de leis específicas de direitos das mulheres (SUDRÉ; DONNANGELO, 2016), as músicas passam também a mostrar uma mulher com comportamento diferente em relação à promiscuidade masculina, como apresenta a música "A culpa é dele" de Marília Mendonça.

Pode-se observar que nesta música trata da situação de se conservar uma amizade entre duas mulheres, uma vez que uma delas teria "ficado" com a outra. Canta a letra que nenhum homem "qualquer" iria estragar a amizade delas, evidenciando um comportamento que não seria esperado entre as mulheres, que é a manutenção da amizade, uma vez que a mítica social é que a amizade entre mulheres não resistiria à presença de um homem, especialmente quando este teria "ficado" com ambas. Por outro lado, a música coloca no comportamento de suas personagens mulheres o comportamento que é considerado típico do homem: que a amizade entre dois homens não pode ser atingida pela presença de uma mulher de interesse mútuo, afinal, a amizade de dois homens não pode ser abalada pela presença de uma mulher "qualquer", assim como é cantada nesta música, com o pólo inverso.

Por fim, a música a ser analisada é "Amante não tem lar" também de Marília Mendonça, na qual apresenta uma mulher que se submete a uma relação como amante de um homem comprometido. Temos a mulher personagem principal que se sente mal por estar se relacionando com um homem casado e decide conversar com sua esposa, pedindo desculpas e se responsabilizando pela traição, o que até então não aparenta ser uma decisão errada, entretanto, no 4 parágrafo ela assume a total responsabilidade pelo ocorrido e justifica dizendo que seu marido a ama de verdade. É nítido que a imagem que deixa transparecer é que a mulher é a única responsável, deixando claro que a culpa é dela porque "invadiu" o seu lar. Percebemos que mais uma vez na música o homem permanece de forma invisível, ainda que seja sua onipresença que dê o tom da história. A personagem "amante" se coloca como uma prostituta, e o homem (ainda que invisível) assume um papel de "coitado", que cometeu um deslize.

Além disso, há o estereótipo que a amante recebe na música, que nunca teve família e por este motivo vai "estragar" a família de outra mulher, e de que nunca vai encontrar um amor, não irá casar e nem ter filhos, e que prefere exilar-se a ir contra a instituição da família patriarcal burguesa que faz parte, assumindo o papel da satisfação sexual do homem provedor.

Sendo a música um reflexo da sociedade, conforme a lição de Hauser, "a arte modifica, estiliza e idealiza livremente a realidade nas categorias próprias espontâneas e criadoras (...) a arte é tão realista quanto a ciência" (1973, p. 10), esta acompanha as transformações relacionais e retrata as definições de gênero sustentadas em cada época, portanto, a análise das representações da mulher em letras de músicas permite a apreensão dos estereótipos de gênero feminino e masculino em determinada sociedade. Como foi possível observar na análise o resgate de uma cultura antiga ainda existente em nosso meio. As artistas apresentadas, como visto, reproduzem essa cultura, porém não se deve julgá-las como individuo isolado que possui total consciência de que suas produções retratam o machismo e subjugam as mulheres, pois também

estão inseridas nesse cenário e apenas reproduzem a realidade de uma sociedade opressora e machista, ainda que aparentemente interpretem músicas sertanejas onde as protagonistas são as mulheres.

CONCLUSÃO

A luz do exposto, a análise dos dados revelou que, embora algumas mudanças relativas a feminilidades tenham sido observadas, principalmente no que tange à maternidade, ao casamento e à virgindade, a imagem construída da mulher nas canções analisadas ainda a colocam em posição subalterna socialmente. Este trabalho teve por objetivo descrever e discutir os resultados de uma pesquisa qualitativa cujo objetivo foi analisar as representações de identidades femininas construídas nas letras de um conjunto de músicas sertanejas.

REFERÊNCIAS

COSTA, A. “Se eu te agarrar a força não me leve a mal”: estudo sobre estereótipos de gênero machistas e a cultura do estupro no gênero musical sertanejo universitário. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, 7., 2018. Maringá. **Anais** ... Maringá: UEM, 2018. No prelo.

HARAWAY, D**.** "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Caderno Pagu**, Campinas,SP, n. 22, p. 201-246, 2004.

RODRIGUES, D. S. As manifestações públicas pelo combate das desigualdades culturais e políticas; evidências da cultura do estupro no século XXI. **Revista Espaço Acadêmico**, Rio de Janeiro, n. 183, p. 40-50,, 2016.

SUDRÉ, L.; DONNANGELO, R. A violência cantada e o protagonismo das mulheres. **Jornal Contraponto:** Jornal Laboratório do Curso de JornalismoPUC, São Paulo, p. 3-5, 2016.

TORRES, L. Feminejo e empoderamento femino: como as mulheres estão mudando a música sertaneja no país. **Medium,** jan. 2017. Disponível em: <https://medium.com/@lusaturbinotorres/feminejo-e-empoderamento-femino-como-as-mulheres-est%C3%A3o-mudando-a-m%C3%BAsica-sertaneja-no-pa%C3%ADs-1a5157841375>. Acesso em: 01 ago. 2018.

Recebido para publicação em 17/08/2018
Revisado em 02/09/2018
Aceito em 03/09/2018